

VITÓRIA

ROSI

Às sombras de um inverno impetuoso, o corpo indefeso despojava-se dos últimos reflexos da vida. As chagas daquela carne ínfima, cobertas por um manto branco, recebiam, aos arrancos, os embalos da escuridão.

Aquele ser conjugava-se com as ruínas da família e se fazia majestoso emanando sobre o ambiente o cheiro sórdido da morte. Sua figura informe, no entanto, transparecia uma paz envolvente, a paz dos mártires e dos anjos.

Era o último dia...

... Vitória jamais se esquecera da vida simples que levava desde a infância, do perfume da mata, das noites frias de inverno, das tardes típicas do campo. Mas as badalações e os frescores da vida urbana aturdiram-na e lhe esculpiram uma forma fria de mulher, frívola e estúpida, senhora de si e dos homens a quem seduzia com os olhos delirantes que destacavam-se imponentes sobre o corpo jovem no esplendor da sua beleza.

A jovem, adornada de lírios selvagens entregara-se a uma vida leviana e se deliciava com futilidades e prazeres mundanos. Frequentava cassinos, teatros luxuosos, festas intermináveis e tabernas onde a escória humana depositava seus desejos mais asquerosos. Era uma mulher muito cortejada e provocava inveja em todas as outras por ser livre, humilhar os homens, usar roupas justas a realçar-lhe o corpo belo e por embebedar-se quase todas as noites. Muitas vezes, recebia jóias de grande valor e presentes carregados de intenções.

Certa manhã, enquanto preparava-se para um de seus passeios matinais, a vida sorrindo-lhe faceira a convidou a um passeio distante das badalações da cidade, recebeu uma carta de seu pai implorando-lhe, antecipadamente, desculpas. As mãos firmes foram transpassadas por um leve tremor, mas as palavras deslizavam-se frentes aos seus olhos e toda a realidade do momento escorria pela face seca e angustiada. Seu pai havia lhe advertido sobre seus gastos excessivos e também sobre o desgaste financeiro da família, mas Vitória que conhecia os hábitos severos do pai, atribuía a essas repreensões a necessidade de penalizá-la. Vitória teria que retornar à sua casa antiga, ao lugar frio, ainda mais frio aos embalos da sua presença.

No dia seguinte embarcou para o interior sem despedir-se de seus conhecidos e de todos os ambientes que frequentava.

Ao chegar à fazenda, saudou tristemente o pai, a empregada Sara enquanto seus olhos penetrantes se direcionaram para o canto do velho fogão à lenha como se a fumaça que dele saía suscitasse a presença de algum ente querido. Voltou-se imediatamente para o quarto e passos incertos a levaram para o leito abandonado. A sombra invadia-lhe, sorrateira, o corpo, o espírito e, aos poucos, Vitória já fazia parte da penumbra.

Quase sempre a jovem permanecia no quarto sorvendo o ar gélido impregnado nas paredes. Seus pensamentos viajavam longamente enquanto o corpo permanecia imóvel, estampada no rosto a expressão indefinida de um defunto. Algumas vezes, porém, encaminhava-se furtivamente para um descampado não muito próximo da fazenda. Em um de seus passeios deparou-se, certa vez, com um homem que lhe despertou a atenção. Esteve a admirá-lo durante horas enquanto ele trabalhava. A figura pareceu-lhe irreal diante dos sujeitos patéticos que conhecia. O corpo másculo coberto simplesmente por uma calça semi cortada transpirava excessivamente umedecendo-lhe o peito bem definido e o rosto – aquela face a fez sonhar por muitas noites, os lábios daquele homem tocavam os seus e desprendiam o verdadeiro calor da paixão.

A partir daquela tarde Vitória passou a sondá-lo durante dias inteiros. Obscadenamente ela o perseguia, conhecendo aos poucos cada detalhe que compunha o corpo daquele homem, os hábitos e a solidão que a inebriavam. A jovem, aos poucos, desbravava em si uma desmedida paixão e se desconhecía para conhecer o estranho homem que trabalhava silencioso em seu coração

Vitória sempre fora de um temperamento intransigente, era-lhe comum o isolamento, o gosto pelo silêncio, a busca constante do nada. Não conseguira, obter informações sobre o homem do campo. Nas poucas conversas que tentara travar com Sara, sentira-se perturbada e constrangida pelo olhar inexpressível da criada e aquele sentimento ia alojando-se no seu corpo, perfurando-lhe delicadamente a alma.

O pai que estivera doente durante os meses decorridos de sua chegada não lhe observara o comportamento ainda mais estranho e arredo. Vitória, outrora tão impetuosa e dominante, tomara ares de uma virgem romanesca e aos poucos suas mudanças iam se alastrando invadindo-lhe não só a alma mais a sua totalidade de mulher. Tornara-se selvagem, o corpo não cobria-se mais por trajes alinhados mas por vestidos antigos de sua mãe, os cabelos desordenados davam-lhe um aspecto alucinado e no rosto a expressão de fúria acarretara um estrago assustador.

Os conhecidos da família acresciam comentários acerca da metamorfose sofrida pela jovem e culpavam, sobretudo, o pai que a fizera retornar ao campo. Alheia a todas as conversas a seu respeito, Vitória continuava a perseguir o homem do campo que havia notado a presença daquela estranha figura, embora fingisse ignorá-la. A jovem percebia os olhares desconfiados de Sara e lhe respondia com uma mudez aguda. Nos últimos tempos Vitória via aquela antiga criada impôr-se nas decisões da casa mas eram as entrevistas noturnas no quarto de seu pai que mais a perturbavam. Algumas vezes tentava ouvi-los mas entendia apenas palavras desconexas que incitavam ainda mais os seus devaneios. Vitória acabou por abandonar esse intento.

Vitória tornara-se de todo indescritível; a presença daquele homem ora elevava-a a um estado de êxtase indescritível, ora faziam-na trancafiar no quarto escuro os restos de sua alma incerta.

Na manhã de Domingo de Páscoa deixou-se ficar na cama por longas hora. Estava frio e nebuloso e toda a atmosfera respirava sofregamente. Prostada sobre a cama, Vitória ouviu os passos de Sara provavelmente em direção ao quarto do pai. A jovem, assustada com a súbita agitação, levantou-se rapidamente e dirigiu-se às pressas ao quarto do pai. Da porta entreaberta ouvia-se um choro lângüido que a fez estremecer. As palavras saíam dificultosas e dir-se-iam que amargas pela boca do velho Antunes. “ Sara, você me conhece há tempos e sabe o quanto eu tentei ser bom e justo.” O velho interrompia suas palavras com lágrimas nos olhos e a criada condoía-se de amor por aquela réstia de homem. Sofregamente ele retomara o discurso.

“ Promete para mim que vai proteger a minha Vitória e que não deixará que ela saiba de Eulália e Pedro.” Sara afirmou solícita e tranquilizou-o com palavras ternas. Nestes nomes estranhos Vitória entrevia um drama antigo, uma história antiga que participara certamente da morte de sua mãe. Antunes, com as mãos entrelaçadas às de Sara, continuou a falar, “ Não consegui me controlar, estava embriagado de paixão e aquela mulher torturava-me com sua beleza estonteante, até o dia que lhe invadi a casa, tomei-lhe o corpo imaculado e o arrastei para a lama do pecado. Aquele pobre rapaz provém do meu mal, daquela paixão infame mergulhada na escuridão da morte.” A mulher o ouvia e seu rosto não mais possuía a expressão fraterna de minutos atrás mas um aspecto asqueroso. Suas mãos indefinidas levantaram-se, invadidas por uma força indiferente àquela massa mole, e se agarraram ao pescoço flácido do Velho. Antunes limitou-se simplesmente a olhar a face gorda daquela mulher, uma luz fulgurante penetrou nos

olhos indecisos do velho Antunes. Os lábios envelhecidos saudaram-lhe um beijo final sobre o rosto ardente em febre. As últimas palavras do velho Antunes, cortadas de uma dor intensa, referiram-se a um jovem trabalhador do campo.

Vitória ao ouvir aquelas palavras saiu aos tropeços pelo corredor alcançando rapidamente o descampado. Uma chuva tempestuosa caía agitando-lhe os cabelos emaranhados. A jovem corria desnordeada e seu choro lânguido transformava-se aos poucos em uivos selvagens. De súbito, porém, Vitória atirou-se ao chão enlameado e envolveu-se completamente na terra escura. Permaneceu ali, estendida com os olhos completamente arregalados, seus pensamentos cansados, e por fim adormeceu.

Sara a encontrou somente à noite. O corpo enrijecido pelo frio foi levado às pressas para a casa. A criada banhou cuidadosamente o corpo da jovem e em seguida deu a ela uma sopa quente. O olhar de Vitória demonstrava o quanto a criada era indesejada naquele leito, a necessidade dos cuidados daquela mulher a enojava. Terminada a sopa, Sara a dispôs confortavelmente na cama e saiu em silêncio.

Na manhã seguinte Vitória levantou-se prontamente e se encaminhou ao descampado. Na sala de estar uma figura dormia o sono profundo não mais disposta a impedi-la.

Caminhou algum tempo e não encontrou o seu homem do campo, o Pedro de seu Pai. Então se direcionou à pequena casa em que morava. Entrou com passos firmes mas estacou-se ao deparar-se com o quarto. Lá ele estava, o peito nu, inteiramente másculo e severo. Tomou-o desesperadamente aos beijos e mordidas. Abraçava o corpo quente sugando-o com um desejo mortal. Embevecido, o homem deixou-se levar pelas loucuras da moça que entregava-se a ele como um animal feroz, movida por um ódio e desejo jamais presenciados. Todo o quarto cheirava a odor humano e àquela luz ausente destacavam-se as figuras entrelaçadas, movidas por uma impetuosa paixão.

Passaram horas juntos e só depois de aniquilados os corpos separaram-se definitivamente. Vitória, ao recuperar parte da lucidez, olhou-o como a um bicho, de forma aguda e desesperada. Atirou-se-lhe aos pés implorando-lhe perdão. O jovem, com o olhar indeciso, dizia-lhe que não havia problemas e com o olhar lânguido agradecia o encontro inesperado. Vitória sentia-se agora completamente desnuda diante daquela figura. Estavam agora unidos pelo sangue, pelo suor que se desprendera de seus corpos e pelo incesto.

...Passaram-se quase dez meses e o fruto daquela manhã tempestuosa depositava-se, agora na penumbra da sala. A devassidão mostrava-se aos sorrisos, sombras negras esparramavam-se sobre o chão e tornavam aquele ambiente completamente mórbido. Do canto da sala a jovem mãe olhava o pequeno ser e despedia-se dos cacos da vida para acompanhá-lo. Restava-lhe somente a morte.

Sara fora acometida por uma doença estranha e permanecera longos anos reinando nas ruínas daquela casa. O homem do campo, levado por distúrbios mentais, passara a vagar por estradas soturnas em busca do filho perdido.